

# "*Spiritu et virtute Liturgiae penitus imbuantur*": *Sacrosanctum Concilium e formação litúrgica*

DOM ALCUÍN REID

## 1. Introdução

Em 1903, o recém-eleito Papa São Pio X considerou o seu "desejo mais vivo [...] que o verdadeiro espírito cristão floresça de novo em todos os sentidos e seja mantido em todos os fiéis". A sua "primeira e indispensável fonte", diz, é "a participação nos sagrados mistérios e na oração pública e solene da Igreja".<sup>1</sup>

Cinquenta anos depois, Paulo VI, com os bispos reunidos no Concílio, volta a falar da Sagrada Liturgia como «a primeira e indispensável fonte da qual os fiéis podem haurir o genuíno espírito cristão», na Constituição sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium* (n. 14). O meio pelo qual é possível ter acesso a esta fonte, dizem os dois Pontífices, é *a participatio actuosa*, uma participação consciente e eficaz na liturgia.

Não há nada de surpreendente nisso. Durante os cinquenta anos seguintes, o movimento litúrgico trabalhou arduamente e durante muito tempo para promover este tipo de participação. Embora alguns dos entusiasmos dos seus activistas e algumas das reformas decretadas durante esse período exijam uma avaliação crítica, o princípio central do movimento, a saber, que a participação, ou melhor, a ligação com a acção de Cristo na Sagrada Liturgia, é fundamental para a vida cristã, fazia todo o sentido.<sup>2</sup>

O princípio da *participatio actuosa* foi prontamente reconhecido como fundamento da constituição litúrgica do Concílio Vaticano II. Décadas seguintes viram muitas coisas feitas em seu nome. Parte — talvez uma boa parte — da “actividade” litúrgica teve certamente muito pouco a ver com a *participação* efetiva, pouco a ver com estar profundamente *ligado* à Fé de Cristo através da adoração ritual da Sua Igreja, e muito mais com a crença errada de que o maior

<sup>1</sup> Pio X, *Tra le sollicitudini*, 22 de Novembro de 1903.

<sup>2</sup> A. REID, *Lo sviluppo organico della Liturgia*, Cantagalli, Siena 2013.

número de pessoas deveria estar envolvido possível em "fazer" algo dentro da liturgia.<sup>3</sup> A actividade, a ocupação litúrgica e participação "carreirista" não são o que São Pio X pretendia. Nem era o que tinha sido promovido pelo Movimento Litúrgico. Muito menos é o que o Concílio Vaticano II exigiu.

A *participatio actuosa* é a pedra angular de uma autêntica renovação litúrgica e eclesial e a sua ausência confirma o florescimento erróneo da participação activista. Sem ela, a renovação litúrgica, bem como a reforma, estão em risco. A *Sacrosanctum Concilium* pôs claramente em evidência este perigo. Não escondo a minha preocupação pelo facto de a pressa em assegurar que todos "participem" conduzir a uma renovação fácil e apressada dos ritos, sem compreender a condição prévia da *participatio actuosa*, na qual se contempla uma ligação real e fecunda com Cristo que opera na Sagrada Liturgia.

## 2. *Sacrosanctum Concilium*

Para identificar essa condição e resolver o problema, precisamos estudar o primeiro capítulo da Constituição, "Princípios Gerais! para a Restauração e Promoção da Sagrada Liturgia» (n.ºs 5-46).

Os artigos 5-13 apresentam o fundamento teológico que sustenta os princípios pastorais e práticos que se seguirão. Nesta tímida exposição teológica encontramos a teologia do mistério pascal renovada no século XX, no artigo 5º, os mergulhadores! os modos como Cristo está presente na Sagrada Liturgia, no artigo 7º, e a afirmação da Sagrada Liturgia como "*culmen et fons*" e fonte da vida e missão da Igreja, no artigo 10. O artigo 11.º recorda que, para dar os seus frutos, os fiéis devem ligar-se à liturgia participando na acção litúrgica e sublinha que incentivar essa participação é um dever de todos os pastores. Os artigos 12-13 afirmam a importância e o valor da oração privada e devocional à luz da superioridade da liturgia.

<sup>3</sup> A falta de conexão na celebração litúrgica é frequentemente manifestada por pessoas que são convidadas a participar das leituras, proclamar as intenções nas orações dos fiéis ou trazer presentes para o ofertório. Apesar de executarem as suas acções da melhor forma possível, para o resto do ritual comportam-se como actores que, uma vez desempenhando o seu papel no centro do palco, não têm mais nada a fazer. Isto é particularmente preocupante quando acontece durante as celebrações litúrgicas nas escolas ou universidades católicas, onde, pelo contrário, a formação litúrgica deve ser completa.

É nos artigos 14 a 20 que se encontra o princípio fundamental da *participatio actuosa*.

“A esta participação plena e activa de todo o povo deve ser dedicada uma atenção muito especial no contexto da reforma e promoção da liturgia. De facto, é a primeira e indispensável fonte da qual os fiéis podem haurir o genuíno espírito cristão”.<sup>4</sup>

Há uma clara motivação pastoral (o “porquê”) e o resultado desejado (o “quê”) da reforma litúrgica desejada pelo Concílio; isto é, facilitar a “piedade litúrgica” — que os fiéis de Cristo encontrem normalmente o alimento necessário para a vida cristã na contemplação activa e consciente da fé da Igreja, tal como celebrada nos ritos litúrgicos e nas orações do tempo comum e nas festas litúrgicas, dando-lhe prioridade sobre a prática de um exercício de devoção que, mesmo que digno, é estranho a ele.

O artigo 14 prevê que esta reforma exige *a priori* uma melhoria substancial na educação litúrgica e na formação do clero e, através dele, de todos os fiéis de Cristo, afirmando, talvez profeticamente;

“[...] Não é possível esperar obter este resultado da *participatio actuosa*, se os próprios pastores das almas não estão impregnados, em primeiro lugar, do espírito e da força da liturgia e se não se tornam mestres dela; é absolutamente necessário dar o primeiro lugar à formação litúrgica do clero”.<sup>5</sup>

O cerne deste parágrafo já estava presente na elaboração do texto da Constituição desde o primeiro projecto distribuído à Comissão Litúrgica Preparatória, em Agosto de 1961.<sup>6</sup> Em Novembro do mesmo ano, o parágrafo tinha

<sup>4</sup> «*Quae totius populi plena et actuosa participatio, in instauranda et fovenda sacra liturgia, summo opere est attendenda: est enim primus,isque necessarius fons, et quo spiritum vere christianum fideles hauriant*», n. 14.

<sup>5</sup> “Sed quia, ut hoc evenire possit, nulla spes effulget nisi prius ipsi animarum pastores spiritu et virtute liturgiae penitus imbuantur in eaque efficiantur magistri, ideo perneceesse est ut institutioni liturgicae cleri apprime consulatur” (n. 14).

<sup>6</sup> “Sed quia ut hoc facere recte possint nulla spes effulget nisi prius ipsi spiritu et virtute liturgiae penitus imbuantur in eaque efficiantur magistri, ideo perneceesse est ut institutioni liturgicae cleri, praepriis in facultatibus theologicis et in seminariis, apprime consulatur», Pontificia Commissio de Sacra Liturgia praeparatoria Concilii Vaticano II, Constitutio de Sacra Liturgia fovenda atque instauranda, 10 de Agosto de 1961, documento não publicado, XIV+252 pp., n. 20, p. 48, The American Catholic History Research Center and University Archives (ACUA), Frederick Richard McManus Papers, Box 52.

sido redigido na forma em que teria sido aprovado pelo Concílio.<sup>7</sup> A sua lógica evidente não suscitou qualquer comentário ou debate *na Aula conciliar*». <sup>8</sup>

O parágrafo articula o fundamento necessário para aquilo que o Concílio, juntamente com São Pio X e o Movimento Litúrgico, tinha em mente. Estabelece o pré-requisito para a reforma litúrgica; a formação litúrgica do clero para chegar, através dele, à formação litúrgica de todos. O Concílio não só quis que tudo fosse “profundamente permeado pelo espírito litúrgico”,<sup>9</sup> dando assim a possibilidade de participar plena, consciente e activamente na Sagrada Liturgia; Ele também sabia perfeitamente que, se esse preceito não fosse respeitado, qualquer esforço para alcançar esse tipo de participação “seria inútil”. *A Sacrosanctum Concilium* e a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II baseiam-se neste fundamento. De que serve uma teologia litúrgica nova ou renovada, de que serve reformar os ritos litúrgicos se os fiéis, o clero, os religiosos e os leigos não são capazes ou não têm os instrumentos apropriados para produzir frutos?<sup>10</sup>

*A participatio actuosa* e a formação litúrgica são indispensáveis, como é sublinhado no artigo 14 e confirmado pelos artigos 15 a 20. Separá-los ou deixar que um prevaleça sobre o outro só poderia ter consequências graves. Qualquer reforma do Rito que não fosse apoiada pela formação necessária poderia muito bem ser considerada como tendo sido construída sobre areia (cf. Afr. 7, 26-27), assim como uma interpretação “activista” da *participatio actuosa* correria o risco de repetir o erro de Marta de excluir o indispensável papel contemplativo da sua irmã Maria (cf. *Lc* 10, 48-32).<sup>(11)</sup> Ambos são essenciais para ler correctamente o resto da *Sacrosanctum Concilium*, os seus princípios e as políticas daí decorrentes.

Será apenas um alarmismo inútil ou o medo de um alarmista? Dois liturgistas modernos oferecem a prova de que não. O primeiro, Keith Pecklers SJ, atesta claramente que “Mesmo agora, o tipo de participação litúrgica e preparação cuidadosa proporcionada pelo Concílio para uma implementação adequada do

<sup>7</sup> Cf. Pontificia Commissio de Sacra Liturgia praeparatoria Concilii Vaticani II, *Constitutio de Sacra Liturgia* Schema transmissum Sodalibus Commissionis die 15 Novembris 1961, documento mimeografado não publicado, pp. xiii-96, p. 12, (ACUA), McManus Papers, Caixa 52.

<sup>8</sup> Cfr. F. GIL HELLÍN, *Concilii Vaticani II Sinopse: Constituto de Sacra Liturgia Sacrosanctum Concilium*, Libreria Editrice Vaticana 2003, pp. 56-57.

<sup>9</sup> Tal como concebida pelos Padres Conciliares na Aula em 1962. Perguntamo-nos se a alusão à obra fundamental de Romano Guardini, *Lo spirito della liturgia*, Morcelliana, Brescia 1930, será mais do que uma simples coincidência.

<sup>10</sup> É elucidativo saber como João Paulo II julga esta a «tarefa mais urgente» na sua *Carta Apostólica “Vicesimus Quintus Annus”*, 4 de Dezembro de 1988, n. 15.

<sup>11</sup> Cf. J. Ratzinger, «Homilia ‘Maria e Marta’», in A. Reid (ed.), *Looking Again at the Question of the Liturgy*, St Michael’s Abbey Press, Farnborough 2003, pp. 13-15.

novo rito é pouco visível em alguns países” enquanto “está abundantemente presente noutros”.<sup>12</sup>

O segundo, John Baldovin SJ, queixa-se de que “mais de metade dos padres [...] não compreendem como usar os momentos opcionais de introdução à liturgia”, acrescentando que a sua avaliação é “muito conservadora”.<sup>13</sup> Além disso, falando do importante papel do sacerdote na preparação da música litúrgica, Baldovin enfatiza que “isso requer uma formação adequada no Seminário (e formação contínua) que estamos longe de alcançar”.<sup>14</sup>

A *Sacrosanctum Concilium* fala justamente da importância da formação académica na Sagrada Liturgia (arts. 15-16).<sup>15</sup> Gostaria de voltar ao artigo 14, onde encontramos o que, na minha opinião, é o núcleo da formação litúrgica, independentemente do número de seminários, cursos e graus académicos que tenhamos concluído. O Concílio insiste em estar “imbuído do espírito litúrgico”, *Spiritu et virtute liturgiae penitus imbuantur*. Esta é a formação litúrgica desejada pelo Concílio, e devemos começar a partir daqui.

### 3. *Spiritu et virtute liturgiae penitus imbuantur* no Concílio

O que significa esta frase para o Concílio? É um facto que, desde o início dos trabalhos da Comissão Litúrgica Preparatória, alguns tentaram empurrar a reforma por caminhos facciosos,<sup>16</sup> e embora saibamos que mais tarde a pessoa chave na implementação da *Sacrosanctum Concilium*, D. Annibale Bugnini CM, se teria sentido livre para se gabar da aplicabilidade do dito *audaces fortuna iuvat* (a sorte favorece os audazes).<sup>17</sup> Não havia nada de polémico na afirmação de que o clero deveria estar “imbuído do espírito litúrgico” para poder prosseguir com a

<sup>12</sup> PECKLERS SJ, *Ressourcement and the Renewal of Catholic Liturgy: On Celebrating the New Rite*, in G. FLYNN, P. MURRAY (orgs.), *Ressourcement: A Movement for Renewal in Twentieth Century Catholic Theology*, Oxford 2012, pp. 318-332, pp. 331-332. Um exame da prática predominante na qual ela está “abundantemente presente” pode ser elucidativo. Ver também o estudo entusiástico de K PECKLERS SJ, *The Genius of the Roman Rite: The Reception and Implementation of the New Missal*, Burns & Oates, Londres 2009, p. 40.

<sup>13</sup> J. BALDOVIN SJ, *Reforming the Liturgy: A Response to the Critics*, Imprensa Litúrgica, Collegeville 2008, p. 152.

<sup>14</sup> *Idem*, pág. 155.

<sup>15</sup> Ver a intervenção de Paul Gunter, OSB, “A Formação Académica e a Sagrada Liturgia”.

<sup>16</sup> Ver *Continuidade ou Rutura? Um Estudo da Reforma da Liturgia do Concílio Vaticano II*.

<sup>17</sup> A. BUGNINI CM, *A Reforma Litúrgica: 1948-1975*, nova edição, Edizioni Liturgiche, Roma 1997, p. 26. Bugnini usa esta frase referindo-se ao seu questionário de 1948-49 e ao artigo subsequente sobre a reforma litúrgica; Cf. At. BUGNINI, *Per una riforma liturgica generale*, in «Ephemerides Liturgicae» 63 (1949), pp. 166-184.

a formação dos outros fiéis. Embora este fosse um objectivo ambicioso, foi amplamente aceite como evidente e essencial. Isto indica que tanto os Padres conciliares como os envolvidos nos trabalhos da reforma estavam, pelo menos de alguma forma, impregnados, ou começavam a estar.<sup>18</sup>

Críticos contemporâneos competentes compreenderam e articularam este princípio. Juntaram os artigos 14 a 20 da Constituição e dedicaram muito espaço às suas disposições sobre a formação académica. Mas isso, por si só, não basta.

Menos de oito semanas após a promulgação da *Cosntituição “Sacrosanctum Concilium”*, Paulo VI emitiu uma Carta “Motu Proprio” sobre a *Sacram Liturgiam* (25 de Janeiro de 1964). Num comentário publicado em *L’Osservatore Romano* no dia seguinte à sua publicação, o reitor do Pontifício Ateneu de Santo Anselmo, Salvatore Marsili OSB, observava:

“A liturgia não é a soma total das rubricas, como se tudo o que é necessário consistisse em realizar gestos diferentes dos realizados até agora. Em vez de ser uma reforma do rito, a Constituição é uma reforma do espírito e da mentalidade em matéria de ritual. É por isso que nos são apresentadas perspectivas teológicas que, em parte, estão destinadas a justificar a reforma e, em parte, estão destinadas a criar um novo espírito de culto cristão precisamente através dela. Na realidade, não se trata simplesmente de criar novas formas externas de adoração; antes se trata de criar categorias mentais inteiramente novas no caso de uns, ou em declínio ou deficientes no caso de outros”.<sup>19</sup>

Salvatore Marsili conclui: “Se o espírito da liturgia não for assimilado, o movimento reformista corre o risco de terminar miseravelmente, como se fosse um espectáculo externo”. E acrescenta: “Isto não significa que algo por ser moderno deva necessariamente ser melhor”.<sup>20</sup>

Em 1966, num comentário, Joseph A. Jungmann SJ escreve:

“[...] este apelo à *participação activa* [...] foi correctamente definido como o refrão da Constituição [...] Mas para garantir tal

<sup>18</sup> Muitos Padres conciliares recordam-no como um tempo de profunda formação pessoal.

<sup>19</sup> Cf. *L’Osservatore Romano*, 29 de Janeiro de 1964. Citado em G. BARAÚNA, “Participação Ativa: o princípio inspirador e diretivo da Constituição” in G. BARAÚNA, J. LANG OFM (orgs.), *The Liturgy of Vatican II*, vol. I, Franciscan Herald Press, Chicago, 1966, pp. 131-193, p. 156; trans. *A Sagrada Liturgia Renovada pelo Concílio: Estudos e Comentários sobre a Constituição Litúrgica do Concílio Vaticano II*, Elledici, Turim 1964.

<sup>20</sup> *Ibidem*.

participação, o Concílio tenciona tomar precauções sobre o ponto decisivo: a educação e instrução do clero”.<sup>21</sup>

Além disso, insiste ainda que “o espírito litúrgico deve penetrar em toda a vida religiosa do jovem clero». <sup>22</sup>

Falando da formação litúrgica do clero, Anton Hanggi, membro, tal como Joseph Jungmann tanto da comissão preparatória como do *Consilium*, um organismo pós-conciliar, em 1965, insistia em dizer que:

“A formação litúrgica não consiste apenas na instrução científica. O conhecimento deve conduzir à acção e a ciência litúrgica à realização da liturgia. Tudo [...] deve funcionar de modo que nas casas dos religiosos e nos seminários todos possam adquirir formação litúrgica na vida espiritual [...]”.<sup>23</sup>

A este respeito, Hanggi afirma que é necessária “a integração de toda a vida religiosa através de uma celebração digna e solene da liturgia com a participação activa e a observação [sic: leia-se “observância”] das leis litúrgicas”. Assim, conclui “[...] o que aprendem e vivem esta ‘directão certa’ e, na celebração dos sagrados mistérios, poderão então comunica-lo aos fiéis confiados aos seus cuidados pastorais”.<sup>24</sup>

Em 1964, Frederick R. McManus, outro destacado membro da comissão preparatória e perito do *Consilium*, enfatizou a importância de uma “ampla formação espiritual dos seminaristas na celebração da liturgia” e, com referência ao artigo 13 da Constituição sobre Devoções Populares, enfatiza “a obrigação por parte do Concílio de que os exercícios de piedade nos seminários, tais como retiros, exercícios de devoção, etc., deve ser permeada pelo espírito da liturgia”.<sup>25</sup>

Monsenhor Henri Jenny, membro do *Consilium*, que deu uma contribuição significativa para as comissões litúrgicas preparatórias e conciliares, num comentário de 1966, chama a atenção:

“A renovação litúrgica, como esperada, não pode ser realizada pela conformidade mecânica com um certo número de requisitos. Exige,

<sup>21</sup> J. A. JUNGSMANN SJ, “Constituição sobre a Sagrada Liturgia”, in *Comentário aos Documentos do Vaticano II*, vol. I, Herder, Londres e Nova Iorque, 1967, pp. 1-87, p. 17.

<sup>22</sup> *Idem*, pág. 18.

<sup>23</sup> Cfr. A. HAENGGI, “A formação litúrgica do clero”, in: F. ANTONELU, R. FALSINI, et al., *Constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia*. Vita e Pensiero, Milão 1965.

<sup>24</sup> *Ibidem*.

<sup>25</sup> Cfr. McMANUS, *Sacramental Liturgy*, Herder, Nova Iorque 1967, p. 24. O seu comentário apareceu em três partes desde Maio de 1964 em “Worship” vol. 38.

pelo contrário, uma disposição de espírito, uma mentalidade que requer formação contínua. Muitas esperanças serão frustradas se acreditarmos, conscientemente ou não, que basta fazer mudanças externas para realizar uma reforma eficaz”.<sup>26</sup>

William Barauna OFM, perito do Concílio, em 1965, enfatiza este mesmo conceito no seu comentário em dois volumes sobre a *participatio actuosa*, acompanhado de um prefácio do Cardeal Giacomo Lercaro, Presidente do *Consilium*. Baraúna diz:

"Antes de anunciar os princípios que devem conduzir a uma reforma da liturgia e os modos e meios pelos quais essa reforma deve ser realizada, a Constituição conciliar [...] fala da natureza teológica do mesmo [...] e [...] da necessidade prioritária de uma sólida formação litúrgica do clero e dos leigos. É evidente que, no espírito dos Padres, guiados pelo Espírito Santo e pela sua experiência pastoral, a reforma terá pouco ou nenhum valor se não dermos prioridade ao esforço para permitir que os Leigos compreendam o autêntico espírito litúrgico, pois este espírito é alheio aos homens do nosso tempo, que mostram um apreço morno por tudo o que cheira a simbolismo da vida comunitária, que vive no espírito do mistério litúrgico. Mesmo que toda a liturgia do futuro estivesse em vernáculo, de nada serviria, a menos que as pessoas fossem preparadas segundo um ensinamento profundo e perseverante no espírito da liturgia".<sup>27</sup>

Baraúna apresenta uma visão aguda da formação litúrgica como pressuposto essencial, apoiando-se numa série de fontes que demonstram claramente como a difusão da visão contemporânea de que ser “profundamente permeada pelo espírito litúrgico” é o ponto a partir do qual se inicia a obra de renovação litúrgica desejada pelo Concílio. A título de exemplo, adverte:

“Aqueles que hoje rezam no seu Breviário com pressa e sem devoção, sem pensar que podem obter da oração a força vital que deve sustentar a sua vida espiritual e ministério, amanhã terão a mesma atitude, mesmo que

<sup>26</sup> «Le renouveau liturgique, tel qu'il est prévu, ne peut s'accomplir par l'observation, comme mécanique, d'un certain nombre des prescriptions. On a compris qu'il demande, au contraire, un état d'esprit, une mentalité, qui requièrent une incessant éducation. Bien des espoirs seraient déçus, si l'on supposait, consciemment ou non, qu'il suffirait de changements extérieurs pour une réforme efficace». "Introdução" em B. MARLIANGEAS OP, *La Liturgie: Constitution Conciliaire et Directives («Application de la Réforme Liturgique*, Centurion, Paris 1966, pp. 25-47, p. 41.

<sup>27</sup> BARAÚNA, "Participação Activa: o princípio inspirador e directivo da Constituição", *op. cit.*, p. 148. Sublinhado original.

a Igreja reforme o Breviário, autorize o uso do vernáculo e reduza em meia hora o tempo necessário para recitá-lo”.<sup>28</sup>

Posteriormente, Cipriano Vagagini OSB afirma que:

“A reforma da estrutura, da linguagem, do canto, a própria criação de novas formas litúrgicas só pode ser uma ajuda, por mais importante que seja, para introduzir as pessoas no mundo da liturgia. Um padre francês, numa discussão sobre a língua litúrgica, mostrou que não superestimava a sua eficácia na observação: “Se a liturgia fosse realizada em latim ou francês, para o meu povo seria sempre em hebraico!” E ainda hoje, depois do Concílio, apesar de a liturgia ser quase inteiramente em vernáculo, ela permanece substancialmente *em hebraico*, não só para o laicado, mas também para o clero. E se o clero não se tornar ‘mestre de hebraico’ para o explicar ao seu povo, a reforma litúrgica não terá feito muito pela cristianização do mundo”.<sup>29</sup>

Estes comentadores estavam empenhados na Constituição para a renovação litúrgica. A sua insistência na prioridade da formação no espírito e no poder da liturgia não exigiu nenhuma reforma ritual particular. Os ritos de hoje, antigos e novos, mergulham diariamente os fiéis de Cristo em tudo o que a Sagrada Liturgia nos coloca à disposição, mas por vezes são celebrados de uma forma alienada desse espírito. Para a *Sacrosanctum Concilium*, a reforma ritual é secundária em relação ao trabalho de formação para permitir que todos beneficiem dos frutos espirituais e apostólicos que são revelados e estejam “profundamente imbuídos do espírito litúrgico”.<sup>30</sup>

Outro comentário relevante, embora não contemporâneo, é a intervenção de Monsenhor Bugnini. Falando nas suas memórias do artigo 14 da *Sacrosanctum Concilium*, também ele insiste na prioridade da formação litúrgica:

“Tudo é apresentado com vista à participação consciente e devota que deve advir de uma correcta educação e adequada dos crentes e mesmo,

<sup>28</sup> *Idem*, pág. 151. Baraúna extrai-o de F. VANDENBROUKE OSB, *Problèmes du Bréviare*, in «Questions Liturgiques et Paroissiales» 37 (1956) pp. 169-172.

<sup>29</sup> C. VAGAGGINI, *Dimensões teológicas da liturgia: um tratado geral sobre a teologia da liturgia*, Imprensa litúrgica, Colledgeville 1976, p. XXIII. A tradução para o inglês é editada por Leonard Doyle e W.A. Jurgens refere-se à quarta edição italiana de *Il senso teológico della Liturgia*, Edizioni Paoline, Roma 1965.

<sup>30</sup> Permanece de pé uma questão interessante saber se o rito reformado, promulgado por Paulo VI não é porventura demasiado ritual e psicologicamente esvaziado nas suas *edições típicas*, e na sua aplicação, para o facilitar, ou se os reformadores não foram demasiado optimistas e ingénuos nas suas expectativas.

antes disso, pelo desenvolvimento, nos sacerdotes e seminaristas, de um sentido forte e completo da liturgia”.<sup>31</sup>

No entanto, sabemos bem que, depois do Concílio, isso não aconteceu. Um dos Padres conciliares, entusiasmado com o debate litúrgico que se desenvolveu durante o Concílio e com os frutos que ele traria, escreveu uma reflexão no apêndice do seu diário: “Um erro que pode ter sido cometido [...] é que foram permitidas alterações, tanto por parte do celebrante como dos participantes, sem se fornecerem instruções ou a preparação suficiente”.<sup>32</sup>

Por isso, hoje é necessário redescobrir exactamente o que significa estar “*imbuído do espírito litúrgico*”.

#### 4. O significado de “*Spiritu et virtute liturgie penitus imbuantur*”

Então, qual é o seu significado? Em França, na região da Provença onde vivo, as Bravades, festas anuais em honra dos santos padroeiros das aldeias, são uma tradição importante. Este ano, antes da habitual procissão, o nosso Presidente da Câmara saudou o pároco e os diáconos, louvando entusiasticamente a beleza do pluvial e da dalmática.

Não habituado à atenção e aos elogios dos paramentos, o pároco respondeu que “a verdadeira beleza se encontra no coração”. A sua resposta não foi, certamente, errada. Para aqueles que, como ele, foram formados na tradição da contra-reforma, influenciados pela liturgia minimalista, se não pela vertente quietista da *devotio moderna* — que, juntamente com uma interpretação errada do desejo expresso pela *Sacrosanctum Concilium* de uma “nobre simplicidade”, levou demasiadas vezes a uma simplificação indigna da liturgia<sup>33</sup> — a sua resposta transmite tudo o que é preciso dizer: o que importa é o que está dentro. A veste litúrgica, o cerimonial, a linguagem litúrgica, a música, a arte e a arquitectura, a orientação do altar, etc., não devem distrair das coisas mais importantes, e a atenção delas é um elemento de distração.

O pároco, no entanto, não acertou totalmente namira. No momento em que a Igreja celebra a Sagrada Liturgia, o Santo Sacrifício da Missa, os sacramentais ou, neste caso, uma procissão, os ministros de Cristo não mostram a *sua* beleza interior — por amor de Deus! — Como o Cardeal Joseph Ratzinger escrevia em 2004: “Na

<sup>31</sup> A. BUGNINI, *A Reforma Litúrgica*, op. cit., p. 55.

<sup>32</sup> M. F. FORST, *Daily Journal of Vatican II*, publicação privada, Olathe KS, 2000, pág. 180.

<sup>33</sup> Cfr. A. REID, “Nobre Simplicidade Revisitada”, in D. V. TWOMEY SVD, J. E. RUTHERFORD (orgs.), *Bento XVI e Beauty in Sacred Art and Architecture*, Four Courts & Scepter, Dublin & Nova Iorque 2011, pp. 94-111.

"Na liturgia não se trata de nós, mas de Deus".<sup>34</sup>

A Sagrada Liturgia não é sobre o clero; as suas acções e comportamentos litúrgicos servem para reflectir a beleza e o esplendor de Cristo, através do ministério sagrado. As roupas bonitas e dignas, as riquezas da arte eclesial, o uso do melhor mobiliário, são fruto da fé, da oração e da generosidade das anteriores gerações, não é um exercício de exibição pessoal ou condescendência por parte do clero, mas reflecte o seu humilde ministério em Cristo no mundo, um mundo de coisas materiais e seres corpóreos aos quais os sinais e símbolos falam e com os quais estão relacionados, como demonstrou o Presidente da Câmara acima mencionado.

A Sagrada Liturgia torna presente a condescendência de Deus Todo-Poderoso para com o homem: é a festa do seu amor incarnado e salvífico, que se realiza sacramentalmente no meio de nós, através das coisas criadas. Esta é a razão pela qual, insiste Bento XVI, tudo o que está associado a esta festa deve ser marcado pela beleza.<sup>35</sup> Esta é a razão pela qual, na sequência da festa de Corpus Christi, o canto *quantum potes tantum aude* nos impele a ousar fazer tudo o que pudermos para nos alimentarmos abundantemente com a presença divina no meio de nós. Então começamos a compreender o espírito da liturgia.

A liturgia não é uma ideia, nem o produto da meditação, de um sentimento pessoal ou de uma convicção que provém de alguma devoção ou entusiasmo espiritual, por mais dignas que estas coisas sejam. Não esqueçamos que, segundo o primeiro mandamento do Decálogo, o culto é o nosso primeiro dever e que, como ensina S. Tomás de Aquino, a verdadeira adoração é a resposta primária do homem ao pedido de justiça de Deus".<sup>36</sup> A liturgia não é uma prática espiritual opcional entre outras, nem é um método particular de devoção promovido por pessoas aparentemente obsessivas chamadas *liturgistas*. A liturgia é normativa para a vida cristã.

Estar imbuído do espírito da liturgia significa, antes de tudo, mergulhar totalmente no culto ritual de Deus Todo-Poderoso. Significa mergulhar na grande piscina da acção de Cristo em Sua Igreja e aprender a nadar e a divertir-se com as suas correntes. Significa querer encontrar Deus com todo o corpo e alma, entrar na condição e submeter-nos à condição *que* adoramos e às exigências do culto *ritual* da nossa tradição.

<sup>34</sup> J. RATZINGER, «Prefácio», in A. REID, *O Desenvolvimento Orgânico da Liturgia. Os Princípios da Reforma Litúrgica e sua Relação com o Movimento Litúrgico do Século XX antes do Concílio Vaticano II*, Cantagalli, Siena 2013, p. 10.

<sup>35</sup> Cf. *Sacramentum Caritatis*, 41.

<sup>36</sup> Cf. R. J. STAUDI, *Religion as a Virtue: Thomas Aquinas on Worship through Justice, Law and Charity*, tese de doutoramento discutida na Universidade Ave Maria, 2008.

Este encontro é essencialmente *eclesial*, e utilizo conscientemente esta palavra em vez de *comunitário*, pois este transmite apenas um aspecto da sua verdadeira natureza. Nenhum de nós participa da adoração como indivíduo isolado; cada um de nós tem o seu próprio lugar na assembleia litúrgica como membro da Igreja. E é um encontro objectivo: não é algo sujeito à ocasionalidade de acordo com os dons e desejos dos indivíduos. É a liturgia da Igreja, o rico pomar carregado de frutos maduros cultivados ao longo dos séculos da sua Tradição a que nos ligamos. A Igreja, nossa Mãe, alimenta-nos com a Palavra e os sacramentos de Cristo, segundo a sua sabedoria, em todos tempos e épocas do ano, respeitando as nossas necessidades particulares conforme as circunstâncias da vida exigem”.<sup>37</sup>

Um belo vislumbre desta realidade vem do Cardeal Joseph Ratzinger ao escrever sobre o seu fascínio pela liturgia quando era jovem. Ele descreve esse despertar causado pelo dom de um missal bilingue:

“Cada novo passo na liturgia foi um grande acontecimento. Cada novo livro que me foi oferecido era algo precioso, e eu não podia sonhar com algo mais bonito. Foi uma animada aventura entrar passo a passo no misterioso mundo da liturgia que teve lugar diante de nós e para nós no altar. Estava a tornar-se cada vez mais claro que eu estava a deparar-me com uma realidade que nunca ninguém tinha simplesmente pensado, uma realidade que nenhuma autoridade oficial ou qualquer outra pessoa tinha criado. Este misterioso tecido de textos e acções tinha crescido a partir da fé da Igreja ao longo dos séculos. Carregava em si todo o peso da história, mas, ao mesmo tempo, era muito mais do que o produto da história humana. Cada século deixou sua marca em nós [...] Nem tudo era lógico. As coisas às vezes tornavam-se complexas e nem sempre era fácil encontrar o caminho de regresso. Mas foi precisamente isso que tornou todo o edifício maravilhoso, como a nossa própria casa. É claro que a criança que eu era então não compreendia todos os aspectos dela, mas tomei o caminho da liturgia e ela tornou-se num processo contínuo de crescimento em uma grande realidade que transcende todos os indivíduos e gerações, uma realidade que se tornou motivo de admiração e descoberta sempre novos. A realidade inesgotável da liturgia católica acompanhou-me em todas as fases da minha vida, e vou dar comigo a falar dela vezes sem conta”.<sup>38</sup>

A este menino foi mostrado algo e ele entrou de bom grado no pequeno portão do rico pomar da Igreja. Penso que é justo dizer que, como padre, bispo e Papa, os meus olhos se abriram, e não fecharam, com entusiasmo e alegria pela primeira descoberta destas riquezas. Bento XVI não se cansava de viver imbuído do espírito litúrgico. Esta descoberta introduziu-o na presença do próprio Cristo, vivo e activo na sua Igreja através dos seus ritos sagrados. Uma vez que entramos

<sup>37</sup> Ver também R. GUARDINI, *Formazione liturgica*, Morcelliana, Brescia 2008.

<sup>38</sup> J. RATZINGER, *La mia vita: ricordi (1927-1977)*, San Paolo, Cinisello Balsamo 1997.

em tal relação, como podemos cansar-nos dela?

Este é o *espírito da liturgia*: um espírito que certamente exige, que requer a nossa conformidade a consolidados e por vezes aparentemente antiquados, caminhos e práticas; um espírito do qual é necessário aprender a língua e a disciplina, ao qual nos devemos humildemente submeter; um espírito cujos caminhos conduzem à alegre descoberta e celebração de Cristo vivo e activo na sua Igreja, que nos alimenta com a fonte de tudo o que podemos necessitar para a nossa vida e missão cristã quotidiana, respeitando as circunstâncias variadas e mutáveis das nossas vocações particulares; um espírito que nos dá uma antevisão e desperta em nós o apetite pelo eterno, que nos forma e sustenta aqui na terra, até sermos chamados a partilhar juntos a alegria infinita da Liturgia celeste.

É um espírito mais facilmente “colhido” do que “ensinado”, mais facilmente captado pelas mãos erguidas em oração, pelos joelhos dobrados em adoração, pelas vozes que se exprimem na harmonia do canto, por um corpo profundamente prostrado, pelo sinal da cruz, pelas cinzas na cabeça, pela água aspergida sobre nós, e de muitas outras maneiras ainda.

Um espírito que cada pequenino acólito, pelo menos uma vez, absorveu imperceptivelmente quando, talvez chegando atrasado à igreja, na pressa juvenil, vestiu a própria túnica e depois ajudou o sacerdote a paramentar-se antes da missa, tornando-se assim testemunha das orações silenciosas com que o humilde sacerdote, apesar de ser apenas um homem, se prepara todos os dias para o seu importante chamamento. Tudo isto acontece numa sacristia, no meio de um silêncio apenas interrompido em casos excepcionais. O tipo de silêncio presente nas nossas igrejas diante da Sagrada Liturgia que inunda as pessoas prestes a praticarem as acções sagradas. O silêncio que interrompe a nossa pressa, que filtra as distrações e nos permite entrar mais plena e fecundamente no acto litúrgico.

Hoje em dia, tais práticas são por vezes consideradas como relíquias de tempos passados. Gestos corporais. A aspersão da água benta, a imposição das cinzas, o pluvial, a recitação de orações durante a paramentação: nada disso é exigido pela Lei Divina, nem sequer o guardar um silêncio reverencial. São meios amados e respeitados pelo seu mais do que digno propósito. Estes e muitos outros pormenores servem de pequenos mas poderosos passos na formação litúrgica inicial e contínua: é assim que adquirem a sua importância. Revelam, irradiam e protegem o espírito litúrgico, conformando-nos e imergindo-nos no poder do próprio Cristo e, através dos ritos sagrados, facilitam o poder da Sagrada Liturgia e a força do próprio Cristo, que age mais eficazmente na nossa vida e no mundo.

Quando a descobrimos e nos abrimos à sua dinâmica, começamos a percorrer o caminho da Liturgia, e é então que começamos a ficar completamente impregnados pelo seu espírito e da sua força.

## 5. *Formação Litúrgica no século XXI*

Como facilitar esta descoberta, esta formação, agora, cinquenta anos depois do Concílio, quando tanta água, talvez até uma boa dose de água e «capital litúrgico», passaram já debaixo da ponte?

Em 1968, Louis Bouyer, um entusiasta promotor da renovação litúrgica, fez uma declaração surpreendente:

"Na prática, hoje, na Igreja Católica, não há liturgia digna desse nome. *A liturgia de ontem pouco mais era do que um cadáver embalsamado. O que hoje se chama liturgia pouco mais é mais do que o mesmo cadáver decomposto*"<sup>39</sup> [...] Talvez em nenhum outro domínio haja uma maior distância, mesmo formal, entre o que o Concílio proclamou e o que realmente temos agora. Sob o pretexto de *adaptar* a liturgia, a gente esqueceu-se simplesmente que ela é apenas a expressão tradicional do mistério cristão em toda a sua plenitude primaveril. Talvez tenha passado a maior parte da minha vida sacerdotal a tentar explicá-lo. Mas agora tenho a impressão, e não sou o único, de que aqueles que se empenharam pessoalmente na aplicação (?) das directivas do Concílio sobre o assunto, viraram deliberadamente as costas àquilo que Beauduin, Casel e Pius Parsch se propuseram fazer, ao qual eu tentei em vão acrescentar algum pequeno contributo".<sup>40</sup>

A atitude de Bouyer pode ter sido provocatória, mas fazia sentido. Claro que há paróquias e comunidades religiosas, em particular os mosteiros, onde o espírito e a força da liturgia respiraram livremente nestas últimas décadas, por vezes não sem dificuldade e a um preço considerável, mas têm sido muitos menos do que deveriam ter sido. É um grande sinal de esperança que agora "a questão da liturgia" esteja muito presente na mente dos católicos mais jovens, especialmente do clero e dos seminaristas, e que seja uma preocupação oportuna para os formadores litúrgicos nos seminários e dioceses.

<sup>39</sup> O sublinhado é meu. «La liturgie catholique n'était plus guère qu'un cadavre embaumé. Ce qu'on appelle aujourd'hui «la liturgie» n'est pas plus de ce cadavre décomposé». Citado em L. BOUYER, *Le métier de théologien*. Ad Solem, Genebra 2005, p. 63.

<sup>40</sup> L. BOUYER, *A Decomposição do Catolicismo*, Franciscan Herald Press, Chicago 1969, p. 105. Ver também, A. REID, *A Liturgia Reformada: Um 'Cadáver Decomposto? Louis Bouyer e o Ressourcement Litúrgico*, in «Antiphon» 16 (2012) n. 1, pp. 37-51.

As críticas de Bouyer não estavam isoladas. Em 2004, escrevendo sobre o reducionismo neo-escolástico e a desconexão teológica com a forma viva da liturgia, que o movimento litúrgico tentara superar, o cardeal Joseph Ratzinger afirmou que:

"Quem, como eu, na fase do *movimento litúrgico* na véspera do Concílio Vaticano II, ficou impressionado com esta concepção, só pode constatar com profunda tristeza a destruição do que lhe então lhe competia".<sup>41</sup>

Em 2002, o então professor Gerhard Ludwig Müller afirmava: "Em muitos países, a euforia do movimento litúrgico deu lugar à desilusão [...] O homem moderno, formado pelo secularismo e por um ambiente imanentista e secular, já não inclui os ritos e gestos individuais da liturgia". E insiste que é necessária nada menos do que uma *sanatio in radice*, 'uma cura na raiz'.<sup>42</sup>

Louis Bouyer queixava-se de desvios nas reformas após o Concílio. Gerhard Müller destaca uma profunda crise cultural. O Cardeal Joseph Ratzinger partilha as suas preocupações, ao mesmo tempo que sublinha a profunda natureza teológica da Sagrada Liturgia como ritual.

Bouyer continua dando uma sugestão que pode fornecer um caminho para a *sanatio in radice*. "Quando se deita tudo fora, as pessoas têm que voltar às fontes".<sup>43</sup> Quer tudo tenha sido deitado fora ou não, gostaria de sugerir algumas bases para uma *refontalização*, para uma revitalização extremamente necessária no espírito e no poder da liturgia.

Em primeiro lugar, precisamos tirar o pó de algumas das publicações fundacionais do movimento litúrgico clássico. Publicado pela primeira vez há cerca de cem anos, *La Piété de L'Eglise: Principes et Faits* do P. Lambert Beauduin é um bom ponto de partida para um sólido documento teológico e prático em ordem à renovação litúrgica.<sup>44</sup> Da mesma forma Don Maurice Festugière, *La Liturgie Catholique: Essai de Synthèse*, disponível apenas em francês.<sup>45</sup> Também vale a pena mencionar o que a pequena e poderosa obra de Romano Guardini *O*

<sup>41</sup> J. RATZINGER, "Prefácio", in A. REID, *O Desenvolvimento Orgânico da Liturgia*, op. cit., pp. 7-8.

<sup>42</sup> G. L. MÜLLER, *Can Mankind understand the Spirit of the Liturgy Anymore?*, in "Antiphon" 7 (2002) n. 2, pp. 2-5, pp. 2 e 3.

<sup>43</sup> L. BOUYER, *A Decomposição do Catolicismo*, op. cit., p. 105.

<sup>44</sup> L. BEAUDUIN OSB, *La Piété de L'Eglise: Principes et Faits*, Abbaye du Mont-César & Abbaye de Maredsous, Lovaina 1914. Publicado em inglês em 1926 pela Liturgic al Press como *Liturgy the Life of the Church*. A edição mais recente, editada pelo autor, foi publicada em 2002 pela St Michael's Abbey Press, Farnborough.

<sup>45</sup> M. FESTUGIERE OSB, *La Liturgie Catholique: Essai de Synthèse*, Abbaye de Maredsous 1913.

*espírito da Liturgia* e sua bela meditação *Sinais Sagrados*.<sup>46</sup> São ainda relevantes o seu livro sobre a formação litúrgica, publicado em alemão e italiano,<sup>47</sup> e a carta de 1964 sobre o acto litúrgico”.<sup>48</sup>

Louis Bouyer refere-se às obras de Pius Parcha e Don Odo Casel. Embora os seus escritos sejam preciosos, não é por eles que deveremos recomeçar. Duas obras menos conhecidas, *La Pietà Liturgica* do abade Emanuele Caronti<sup>49</sup> e *Das Kunstprinzip in der Liturgie*, de Idelfons Herwegen,<sup>50</sup> merecem atenção.<sup>51</sup> A esta lista de tesouros clássicos deve sem dúvida acrescentar-se a *Introdução ao espírito da liturgia* do pai do novo movimento litúrgico, Cardeal Joseph Ratzinger.<sup>52</sup>

Com excepção do livro de Joseph Ratzinger, essas obras compõem o contexto em que nasceu a *Sacrosanctum Concilium*; o seu parágrafo 14 praticamente toma emprestadas as suas palavras. Aos que implementaram e redigiram as disposições do Concílio não faltavam os fundamentos que forneceram. Seria historicamente interessante perguntar se, sem estes alicerces - como muitos gostariam hoje - as reformas poderiam ter sido tão frutuosas como estes homens e também os Padres conciliares tinham esperado? E poderão os ritos modernos, celebrados sem uma formação mais profunda no espírito e na força da liturgia, ser tão eficazes (não estou a falar de serem ou não válidos!) para a missão e a vida da Igreja, como seria de esperar? Agora estou meso a divagar...

Não proponho esses testes clássicos como manuais didácticos, mas como testemunhos. Das suas páginas ainda se ouve bater o coração de homens cheios do espírito e da força da liturgia. Se os ignorarmos, deparar-nos-emos com uma sede insatiável que só encontrará refrigério na fonte de onde esses autores beberam. São textos para *lectio divina*, mais do que para estudo, são convites a descobrir ou redescobrir a nossa necessidade de vida litúrgica e o seu verdadeiro espírito.

Em 1912, o abade Herwegen escrevia:

<sup>46</sup> R. Guardini, *Lo spirito della liturgia*, op. cit., *I santi segni*, Morcelliana, Brescia 1937.

<sup>47</sup> R. Guardini, *Liturgische Bildung*, Deutsches Quickbornhaus, Burg Rothenfels am Main, 1923; *Formazione liturgica*, 1988.

<sup>48</sup> R. GUARDINI, *Carta sobre o Acto de Culto e a Tarefa Actual da Formação Litúrgica*, in «Humanitas» 20 (1965), pp. 85-90.

<sup>49</sup> E. E. CARONTI OSB, *La pietà liturgica*, Libreria del Sacro Cuore, Turim 1920; *O Espírito da Liturgia*, Imprensa Litúrgica, Colleveville 1926.

<sup>50</sup> I. HERWEGEN, *Das Kunstprinzip in der Liturgie*, Paderborn 1912; *Liturgy's Inner Beauty*, Liturgical Press, Colleveville 1955, publicado como *The Art-Principle of the Liturgy* pela mesma editora em 1931.

<sup>51</sup> Um classico é V. MICHAEL OSB, *The Liturgy of the Church: According to the Roman Rite*, Macmillan, New York, 1938.

<sup>52</sup> RATZINGER, *Introduzuine allo Spirito della Liturgia*, Ed. San Paolo, Cinisello Balsamo 2001.

“Quem viver a vida litúrgica da Igreja segundo o seu grave e sagrado *ordenamento* encontrará nela todos os graus de perfeição; A sua vida tornar-se-á obra de beleza e alcançará valor eterno na sua progressiva transfiguração”.<sup>53</sup>

Este é o segundo elemento fundamental para qualquer *refontalização*: viver a vida litúrgica da Igreja da maneira mais completa possível, porque é vivendo a liturgia que nos impregnamos do seu espírito e da sua força: é isso que nos forma antes mesmo de ler, estudar, falar e escrever sobre ela.

Colocam-se diante de nós duas dificuldades. A primeira é sugerida por Louis Bouyer: na melhor das hipóteses, a liturgia após o Concílio estava cheia do que poderíamos chamar de “tarefas”, e tornar vivas essas “tarefas e tudo o resto” pode não ser tão formativo no espírito e no poder da liturgia como a *Sacrosanctum Concilium* desejava. Neste caso, voltemo-nos para a nossa *sanatio in radice*.

Surge a grande e válida questão de uma *reforma da reforma* que deve ser abordada pelas autoridades e pelos estudiosos como uma questão de honestidade face ao Concílio e a toda a tradição litúrgica.<sup>54</sup> Mas não podemos certamente esperar, porque a questão é demasiado importante. Que podem fazer bispos, formadores, pastores e todos aqueles que trabalham na preparação das celebrações e ministérios litúrgicos?

Creio que Bento XVI ofereceu a resposta na sua *Exortação Apostólica “Sacramentum Caritatis”* de 2007, nos cinco pontos da *ars celebrandi* (n. 38-42). *A ars celebrandi*, ensina, “brota da fiel obediência às normas litúrgicas *no seu todo* (n. 38; o sublinhado é meu). Ele sublinha o papel do Bispo como “o primeiro dispensador dos mistérios de Deus na Igreja” (n. 39), no respeito pelos livros litúrgicos, a fim de promover “o sentido do sagrado e o uso das formas exteriores que educam para esse sentido” (n. 40), a importância da arte e da arquitectura litúrgicas (n. 41) e do canto litúrgico (n. 42).

Estes componentes da *ars celebrandi* reflectem o facto de que a Sagrada Liturgia não é primariamente uma experiência cerebral ou intelectual, nem um texto a ser estudado, mesmo que os seus textos sejam objecto de estudo. Não, é uma experiência ritual, sensorial, que envolve mente, corpo e espírito, e devemos permitir que a riqueza da nossa tradição litúrgica se forme em Cristo. Este é um campo no qual a nossa cultura moderna, culta e racional teve um impacto negativo: uma mentalidade, educada e talvez um pouco burguesa que trata a

<sup>53</sup> HERWEGEN, *A beleza interior da liturgia*, op. cit., p. 44.

<sup>54</sup> Aqui devemos considerar o problema levantado pelas mudanças teológicas feitas pelos textos litúrgicos, tanto em latim como em sua versão vernácula. Verem especial, o estudo de L. PRISTAS, *Collects of the Roman Missals: A Comparative Study of the Sundays in Proper Seasons before and after the Second Vatican Concilio*, T&T Clark, Londres 2013.

liturgia como um discurso e reduz as suas formas ao prosaico em vez de respeitar a sua natureza ritual multifacetada, reduz drasticamente a possibilidade de uma relação com Cristo.

À luz disto, gostaria de fazer algumas observações sobre a vida litúrgica de hoje. Em primeiro lugar, escreve Bento XVI, trata-se de observar as normas litúrgicas “em toda a sua riqueza”. Que fique claro de uma vez por todas que o minimalismo litúrgico é inimigo do espírito litúrgico e é um cancro para a verdadeira formação litúrgica. (55) É claro que algumas circunstâncias limitam o que podemos fazer, mas mesmo assim somos chamados a dar tudo o que podemos, como a viúva fez com o tesouro (Mc 12, 41-43). O menos não é a vantagem quando se trata da celebração da Sagrada Liturgia.

Em segundo lugar, na sabedoria e na tradição da Igreja, a liturgia cantada é a norma, uma verdade que os nossos irmãos orientais nunca esqueceram. Durante séculos, a formação litúrgica baseou-se na liturgia da palavra, a *Missa Lecta* ou *Messe Basse*. Antes de me debruçar sobre o facto de que “o Vaticano II mudou tudo isto”, devemos notar que a actual *Missa rezada* é como a antiga e que a *Messe Basse* ainda está em voga. Avaliámos já se se pôs em prática o que o Concílio propôs acerca do canto *da* liturgia, em vez do canto *na* liturgia? (56) A resposta é, em geral, negativa. E décadas de malformação litúrgica generalizada não são fáceis de desfazer.

Em terceiro lugar, seguindo as directrizes do Concílio sobre a *Liturgia das Horas*, passou-se a rezar esta oração em comum com muito mais frequência. Mas perguntemo-nos como é que isto se faz: faz-se de modo litúrgico, com os ministros, os paramentos, a postura, os ritos e os cânticos previstos nas normas litúrgicas? Ou será que a celebração da *Liturgia das Horas* é mais frequentemente a experiência de um texto que é lido em conjunto? Se na oração da *Liturgia das Horas* nas nossas catedrais, nas igrejas, nos seminários e nas casas religiosas, é liturgicamente carente, que formação transmite? Como pode ela sustentar aqueles cuja vocação implica rezar em privado? E se as paróquias nunca celebram a *Liturgia das Horas* de maneira liturgicamente correcta, em toda a sua riqueza, como pode o nosso povo ser impregnado do espírito e da força da liturgia?

<sup>55</sup> Isto é mais relevante na abordagem minimalista da liturgia que muitas vezes se encontra na exposição e bênção do Santíssimo Sacramento, em muitas paróquias e comunidades, onde as exigências da moderna *Ordo Expositionis et Benedictionis Eucharistidi*, nas quais incenso e paramentos especiais devem ser usados quando o Santíssimo Sacramento é exposto, são ignoradas. (*Rituale Romanum: De Sacra Communionem et De Cultu Mysteriorum Eucharistici Extra Missam*, Typis Polyglottis Vaticanis, 1973, nn. 93-100).

<sup>56</sup> Ver A. REID, “*Ut mens nostra concordet voci nostrae: Música Sacra e Participação Real na Liturgia*”, in J. E. RUTHERFORD (ed.), *Bento XVI e Beleza na Música Sacra*, Four Courts & Scepter, Dublin & New York 2012, pp. 93-126.

Finalmente, um elemento essencial para a formação na vivência da liturgia é a familiaridade com as riquezas do *usus antiquior*, os ritos litúrgicos mais antigos. Presume-se que a formação, tal como prevista pelo Concílio, não exclui a tradição litúrgica que precede a *Sacrosanctum Concilium*. Os ritos celebrados segundo a sua integridade, em toda a sua riqueza, são um poderoso meio de formação. Muitos sacerdotes e fiéis acreditam que os antigos ritos informem mais frutuosa e a sua participação do que consegue fazer a simples celebração dos ritos modernos, permitindo-lhes aproximar-se, em busca de continuidade e não de ruptura, à tradição litúrgica de dois mil anos da Igreja. Na Igreja do século XXI, é difícil conceber como um programa de formação pode excluir estes tesouros vivos.

Outros modos e meios de formação no espírito e na força da liturgia surgirão se examinarmos as nossas práticas litúrgicas à luz dos princípios delineados na *Exortação Apostólica “Sacramentum Caritatis”*: ser fiéis às normas litúrgicas na sua totalidade é o nosso objectivo, devemos certificar-nos de que a força da Sagrada Liturgia se dá a conhecer; devemos facilitar a nossa ligação com ela.

Além do “fazer” pós-conciliar, na tentativa de viver a liturgia deparamo-nos com uma dificuldade cultural. A nossa cultura é cada vez mais pós-cristã e agressivamente secular. A Sagrada Liturgia é muito, muito diferente – até mesmo estranha – a tudo o que nos rodeia. O homem moderno não a compreende. Como nos poderemos relacionar com essa realidade?

Penso que deve ficar claro que a ideia de *adaptar* a liturgia às supostas necessidades do «homem moderno» fracassou. Não enchamos as nossas igrejas, nem os seminários, nem as casas religiosas, e talvez nem mesmo o Céu, fazendo com que a liturgia reflecta a modernidade burguesa. Há muitas causas estatísticas para o declínio generalizado da prática católica, e as mudanças na liturgia adaptada às necessidades do nível local tiveram nisso uma influência significativa. Poderia alguém objectar que isso requer reforma, adaptação e inculturação por parte das Igrejas locais.<sup>57</sup> Em minha opinião, a abertura de tais caminhos poria ainda mais em perigo a “unidade substancial do rito romano” que o Concílio contempla (cf. *Sacrosanctum Concilium*, 38), e arriscaria definitivamente a subjectivação da liturgia da Igreja.

Não, a resposta não está em imitar o espírito do mundo, mas em reavivar o espírito da liturgia. Os fiéis que assistem à Sagrada Liturgia devem testemunhar os elementos daquela *refontalização*, daquela revitalização antes referidas. É necessária uma catequese profunda para preencher o vazio cultural e o criado pela malformação litúrgica. Temos de ser pacientes e caridosos: não podemos agora vir a ser culpados de escandalizar as pessoas com a imposição drástica das melhores

<sup>57</sup> Ver A. CHUPUNGO OSB, *Inculturação e Desenvolvimento orgânico da Liturgia*, in «Ecclesia Orans» VII (1990) n.º 1, pp. 7-21.

práticas. Sim, os Pastores devem certamente liderar e orientar decisivamente; mas devem também carregar com eles o próprio rebanho.

Note-se que ainda é possível ao “homem moderno” relacionar-se com a liturgia da Igreja. As igrejas, as comunidades e os seminários, cuja vida litúrgica é fiel, rica e bela, onde se celebram os ritos mais antigos tal como os novos, não são se encontram tão vazios como estavam no início do século XXI. Estão vivos, com o espírito e a força da liturgia. Os seus êxitos são dignos de estudo e imitação.

Para aqueles que raramente ou nunca se depararam com a liturgia da Igreja, precisamos de duas coisas: a consciência de que a Sagrada Liturgia não é um instrumento missionário ou catequético; pelo contrário é o culto da Igreja de Deus Todo-Poderoso, não é um meio de propaganda. Quando a tornamos instrumento directo de evangelização, violentamos a sua natureza e, talvez, até Cristo.

Além do mais, sabemos pela vida de Santo Agostinho de Hipona, de Paul Claudel e de muitos outros que a liturgia pode efectivamente converter o coração do homem. Não devemos envergonhar-nos do seu impacto contra-cultural, de modo especial numa era em que os meios de comunicação social transmitem sons e imagens de maneira tão invasiva. Deixem que os corações mortais dos homens leigos, pós-cristãos, sejam interpelados pelo espírito e pela força da liturgia, com a realidade duma Igreja que, no seu culto, bebe da própria fonte da vida!

O Cardeal Joseph Ratzinger escreveu: “O esquecimento de Deus é o perigo mais iminente do nosso tempo. A liturgia deve opor-se a esta tendência com a presença de Deus”.<sup>58</sup> Deste modo, certamente, a Sagrada Liturgia é um testemunho evangélico *ad intra* e *ad extra*. Nem Claudel nem Santo Agostinho se depararam com uma liturgia conscientemente moldada para dialogar com as peculiaridades do seu tempo; encontraram o culto de Cristo na sua Igreja em toda a sua riqueza. Assim, eles encontraram Cristo. Valerá a pena perguntar o que é que encontraram nas nossas igrejas nas últimas décadas, aqueles que eram como eles, e que efeito teve neles.

## 6. Conclusão

Na proposta de reforma ritual, os Padres do Concílio Vaticano II, inspirando-se no melhor do *Movimento Litúrgico* clássico, insistiram na urgência *a priori* de um trabalho de formação no espírito e na força da liturgia. É verdade que, com a pressa da reforma, ao traduzir os ritos e, ao permitir que todos pudessem “fazer alguma coisa” na liturgia, esta condição *foi a priori* largamente ignorado e estas

<sup>58</sup> J. RATZINGER, «Prefácio», in A. REID, *O desenvolvimento orgânico da Liturgia*, op. cit., p. 9.

bases necessárias não foram lançadas de modo correcto. Hoje podemos falar de um novo *movimento litúrgico* e, ao fazê-lo, devemos reconhecer a nossa profunda dívida para com Bento XVI.

A tarefa principal do novo movimento litúrgico é ressuscitar, revitalizar e reavivar o espírito da liturgia em toda a sua riqueza, *imbuído do espírito e da força da Sagrada Liturgia*, como tanto desejavam o Concílio Vaticano II, o Movimento Litúrgico clássico e São Pio X.

Assim formados, poderemos ler correctamente a *Constituição “Sacrosanctum Concilium”*. A partir desta base, poderemos avaliar as reformas pastorais e as políticas adoptadas em seu nome. Iluminados por este espírito, os caminhos certos a seguir tornar-se-ão evidentes. Segundo a vocação que Deus Todo-Poderoso deu a cada um de nós, porque esta tarefa é tão vossa como minha.